

Relatos de Vivências Em Educação Química: Estágio Supervisionado e Experiências no PIBID.

Bárbara Cristina Dias dos Santos*, Aline Cristina Siefert Kopf, Maira Ferreira.
Babidias1988@hotmail.com

Palavras-Chave: *Estágio Supervisionado, PIBID, Metodologias para o ensino.*

Área Temática: Ensino e Aprendizagem- EAP

RESUMO: ESTE TRABALHO SE REFERE A EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR LICENCIANDAS DE QUÍMICA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL, DA CIDADE DE PELOTAS. À PRIMEIRA, NO ÂMBITO DO PIBID, RELATA A APLICAÇÃO E RESULTADOS DE UMA OFICINA DESENVOLVIDA COM ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO SOBRE O TEMA PILHAS E BATERIAS E A SEGUNDA DESCREVE A REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II, NO QUAL AS ESTAGIÁRIAS OBSERVARAM AULAS E ACOMPANHARAM UMA PROFESSORA DE QUÍMICA, EM UMA DAS TURMAS NA QUAL HAVIAM FEITO A INTERVENÇÃO DIDÁTICA COM A OFICINA. NESTAS DUAS VIVÊNCIAS OBSERVOU-SE RESULTADOS DIFERENTES COM RELAÇÃO AO ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS, NA OFICINA UTILIZAMOS ESTRATÉGIAS DE ENSINO QUE POSSIBILITARAM A INTERAÇÃO DOS ALUNOS COM O OBJETO DE ESTUDO, MAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OS ALUNOS PARTICIPARAM MUITO POUCO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS PELA PROFESSORA TITULAR, PARTICIPANDO MAIS ATIVAMENTE DAS ATIVIDADES EXPERIMENTAIS QUE PLANEJAMOS E SUGERIMOS À PROFESSORA. COM ESSAS VIVÊNCIAS, PUDEMOS PERCEBER A IMPORTÂNCIA DE PENSAR EM METODOLOGIAS ATIVAS E DESENVOLVER UM BOM PLANEJAMENTO DE ENSINO.

Introdução

No primeiro semestre de 2012, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Química/UFPEL, realizamos uma oficina sobre pilhas e baterias para quatro turmas de alunos de ensino médio de uma escola pública estadual do município de Pelotas. Essa oficina contou com 60 alunos e visava que os alunos compreendessem os princípios de funcionamento de pilhas e baterias e o impacto ambiental desses materiais, quando seu descarte é inadequado.

Neste trabalho os alunos da escola estudaram conosco os processos de oxirredução e o funcionamento de pilhas e baterias, interagindo com os bolsistas no desenvolvimento de práticas diversificadas como a realização de experimentos, a simulação de descarte de pilhas e baterias e outras atividades que envolviam conteúdos de eletroquímica, mas também sobre fontes energéticas, meio ambiente e saúde. De acordo com LIMA (2012): “As oficinas temáticas são um instrumento facilitador para a integração de diferentes áreas do conhecimento”.(p.1), e vimos isso quando conseguimos envolver os alunos e acreditamos ter facilitado o seu entendimento sobre o assunto.

Pensamos que trabalhar conteúdos químicos com estratégias de ensino diferenciadas, de modo a possibilitar a interação dos alunos com o objeto de estudo, bem como motivando-os a participar das atividades, pode fazer com que o ensino seja facilitado em prol da aprendizagem dos estudantes. Um sinal desse envolvimento pode ser evidenciado pelos questionamentos dos alunos sobre o assunto tratado ao longo da oficina, à medida que as dúvidas iam surgindo.

No segundo semestre deste mesmo ano, nessa mesma escola, realizamos o Estágio Supervisionado II, uma disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) que consiste em acompanhar uma turma de ensino médio, juntamente com a professora titular da escola, fazendo planejamentos e realizando atividades compartilhadas ao longo de um trimestre escolar. Nesse estágio acompanhamos duas turmas de 2º ano do Ensino Médio, as mesmas que havíamos desenvolvido a oficina, no semestre anterior.

Ao acompanhar a professora nas atividades em sala de aula foi possível observar diferenças por parte dos alunos tais como mudanças no interesse e participação nas atividades em sala de aula, pois não pareciam os mesmos alunos que estudaram conosco na oficina sobre pilhas e baterias. Eles se comportaram de forma diferente, não mostravam interesse pelo conteúdo explicado pela professora e não realizavam as atividades solicitadas. A professora também parecia não saber o que fazer para mudar esse quadro. A resposta dos alunos em duas situações diferentes nos levou a refletir sobre o papel do planejamento e da metodologia de ensino e sobre a importância do envolvimento do professor com a turma.

Nosso interesse em socializar essas vivências, foi a de mostrar a importância de criar estratégias para a promoção de uma aprendizagem significativa que, segundo a Teoria de Ausubel (in. Pellizari, p.37), considera os conhecimentos prévios dos alunos para que os mesmos consigam descobrir e redescobrir outros conhecimentos. Em nossas vivências na escola pudemos perceber a resposta dos alunos a um ensino mais tradicional e a um ensino mais aplicado à vida cotidiana. Segundo Pellizari:

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado a estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário ela se torna mecânica e repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado. (2002, p.38)

Enquanto na oficina partimos dos conhecimentos dos alunos sobre o funcionamento de pilhas e baterias, ao observar as aulas da professora titular durante o estágio, vimos que os conhecimentos prévios dos alunos não estavam sendo levados em conta e vimos também que a professora não mostrava interesse em mudar a sua metodologia de ensino. Procuramos estabelecer uma parceria com a professora e propor atividades de ensino e acompanhamento aos alunos, procurando mostrar a importância de um planejamento das aulas que atendesse de alguma forma as necessidades dos discentes.

Vivenciando a docência: PIBID e Estágio Supervisionado.

Com relação à atividade do PIBID a intervenção docente na oficina sobre pilhas e baterias foi realizada em três etapas, com quatro turmas de segundo ano do ensino médio, em turno inverso ao da aula regular.

A primeira etapa teve como objetivo mostrar que a corrente elétrica pode ser produzida por reações de oxirredução. Foi proposto a realização de um experimento produzindo uma “pilha” com o uso de frutas cítricas e duas hastes de metais diferentes (cobre e alumínio). A partir do experimento e das perguntas dos alunos, explicamos o processo.

A segunda etapa consistiu em uma simulação e discussão sobre o descarte de pilhas e baterias considerando a sua composição química, enfocando o risco que os metais pesados podem oferecer, uma vez que seu descarte é feito, na maioria das vezes, no lixo doméstico de modo semelhante ao das pilhas que não tem em sua composição química esses metais.

A terceira etapa consistiu na visualização de um vídeo sobre a história, composição e descarte correto de pilhas e baterias, onde os alunos foram convidados a assistir e participar de um debate sobre o que aprenderam e sobre as dúvidas que tiveram ao longo e ao final do trabalho.

Ao final do trabalho os alunos avaliaram a oficina e nós tivemos a oportunidade de entregar um pequeno questionário com questões que haviam sido debatidas ao longo da oficina. Quando analisamos a resposta dos alunos sobre a oficina, a aceitação foi quase unânime, muitos sugeriram que houvesse mais atividades como as que realizamos e demonstraram ter compreendido o assunto estudado.

A segunda experiência que vivenciamos na escola, no mesmo ano, foi na realização do estágio supervisionado, no qual acompanhamos duas das quatro turmas que havíamos aplicado a oficina, nessa proposta de estágio conversamos com a professora e propomos, inicialmente observar as aulas e, posteriormente, colaborar com o planejamento das aulas – expositivas, experimentais e outras modalidades que envolvesse inovação metodológica, já que conhecíamos as turmas e sabíamos que responderiam bem.

A professora aceitou nossa proposta, mas na maior parte estágio a professora seguia seu roteiro de aula e apenas solicitava que auxiliássemos tirando dúvidas dos alunos ou resolvendo exercícios. A essas atividades os alunos se mostraram bastante desinteressados, não prestavam atenção ao que a professora explicava, alguns não copiavam a matéria, a professora perdia muito tempo de sua aula chamando a atenção dos discentes, também não se observava interação entre alunos e professora, não havia questionamentos por parte de alunos ou da professora, enfim, foi uma realidade muito distinta da vivenciada durante a aplicação da oficina com esses mesmos alunos.



33º EDEQ

Movimentos Curriculares
da Educação Química:
o Permanente e o Transitório



Com o andamento das observações pudemos constatar que a professora titular da turma utilizava métodos e materiais antigos, folhas amareladas e quadro e giz. Era uma metodologia de ensino que não era interessante ou motivadora, a insatisfação dos alunos podia ser percebida em alguns comentários e indagações que faziam à professora, reivindicando, por exemplo, aulas experimentais. Em função disso, sugerimos à professora titular algumas atividades que pareceram mais motivadoras e que levassem os estudantes a ter uma melhor compreensão do conteúdo, tais como: o desenvolvimento de experimentos, as dinâmicas em grupo, o uso de material multimídia e um enfoque contextualizado dos conteúdos com o cotidiano.

Feitas estas sugestões à professora, inicialmente não aceitou, pois não achava necessário mudanças em seu método de ensino, alegando sempre que o aproveitamento (nota) dos discentes eram em grande parte satisfatório, não havendo muitas reprovações. Com o passar do tempo continuamos a insistir em uma nova metodologia, onde a mesma acabou cedendo, mas com as condições de que esse material teria que ser preparado pelas estagiárias, pois a docente alegava não ter tempo para pensar em nada diferente do que já fazia.

Uma das nossas primeiras propostas foi à realização de uma aula experimental em laboratório, pois os alunos nunca tiveram aulas no laboratório. A aceitação dos discentes foi unânime, e o seu interesse se manifestou. Nas demais aulas com uma proposta diferente da tradicional, a motivação e interação dos alunos foram percebidas novamente, deixando a professora titular surpresa com tamanha mudança de comportamento e interesse.

Isto nos fez perceber o quanto é importante realizar um planejamento de ensino, onde o professor consiga refletir sobre as possibilidades, limites, erros e acertos de sua prática. Para Vasconcelos (1995):

...Planejar, de alguma forma, com maior ou menos rigor, o professor sempre planeja. A questão que se coloca é superar o planejamento espontâneo, em direção ao consciente, fazer um plano bem elaborado para que, de fato, as atividades em aula propiciem um melhor aproveitamento...
(VASCONCELOS, p.34)

Esta citação nos relata exatamente o que estava acontecendo com as turmas de segundo ano que a professora estava ministrando as aulas, a mesma não fazia um planejamento de acordo com as necessidades do aluno, o planejamento de aula dela já estava pronto, e era sempre o mesmo para qualquer turma. Conforme se entrou com uma nova proposta, onde era feito um planejamento de acordo com interesses e aplicações dos conteúdos de química em práticas cotidianas dos alunos, as aulas começaram a ser mais produtivas, com os alunos se interessando mais e compreendendo melhor os conteúdos trabalhados.



33º EDEQ

Movimentos Curriculares
da Educação Química:
o Permanente e o Transitório



Resultados observados na vivência

Após a realização da oficina, obtivemos resultados positivos, tanto para os alunos da escola, quanto para nós bolsistas do PIBID. Nos alunos observamos através de um questionário feito após a realização da oficina, que os mesmos souberam explicar com suas próprias palavras o conteúdo visto durante a atividade, pois neste questionário obtivemos um elevado nível de acertos, observamos também que ao trabalhar no laboratório aguçamos a curiosidade dos discentes, pois os mesmos faziam várias indagações sobre o conteúdo e algumas sobre o seu cotidiano. Já para nós acadêmicos o trabalho se mostrou satisfatório, pois conseguimos explicar um conteúdo considerado complexo (eletroquímica), pelos estudantes, de forma contextualizada, fazendo com que os mesmos se interessassem pelo tema proposto e agissem da forma relatada. Para LIMA (2012):

...a importância de estratégias didáticas contextualizadas para o ensino de Química nas aulas de ensino médio é de grande importância no processo ensino e aprendizagem, pois retira o aluno da posição de expectador passivo, proporcionando aprendizagens significativas. (LIMA, p.2)

No início do acompanhamento de duas das quatro turmas que participaram da oficina notamos turmas apáticas e desinteressadas, realidade diferente da vivenciada durante as atividades anteriores. Em relatos informais os alunos afirmaram que a falta de interesse da turma se devia a ausência de estímulos por parte da professora, tais como um bom planejamento, aulas experimentais, ou ainda, saída de campo. Com isso observamos que a metodologia de ensino a base de quadro e giz tem embutida uma ideia de aprendizagem mecânica e descontextualizada o que não corresponde ao modo como os jovens aprendem ou, ainda, ao modo como pode ser despertado o interesse para aprender. Se não conseguem aproximar ou relacionar o conhecimento a ser aprendido com o conhecimento que já têm, não há significado e, conseqüentemente, não haverá aprendizagem. Percebemos, então, o quanto é importante o papel do professor no desenvolvimento intelectual do aluno, motivando, aguçando a curiosidade e contextualizando aquilo que ensina.

Segundo Freire (1979), a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Entretanto, para que isso seja possível, o docente precisa assumir seu verdadeiro compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar. Evidentemente, ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua formação pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar. (in. BULGRAEN, p. 31)

Quando criamos alternativas didático-pedagógicas para ensinar mudamos a lógica da transmissão pela da interação com o objeto. No caso do trabalho que desenvolvemos na oficina e nas atividades que propusemos durante o estágio, foi possível ver uma reação positiva por parte dos alunos, sendo que até a professora titular percebeu esses resultados e se surpreendeu. Achamos importante mostrar para a professora que os estagiários e/ou PIBIDianos (bolsistas do PIBID) podem ser parceiros no planejamento das aulas e que podem auxiliar a diversificar as propostas metodológicas de ensino, ao mesmo tempo em que podem aprender com a professora o exercício da prática docente.

Conclusão

Podemos perceber o papel dos estágios supervisionados nas escolas, pois antes mesmo de entrarmos para a docência temos a oportunidade de vivenciar acontecimentos como estes, que nos fazem refletir e repensar sobre nossas futuras atitudes como professoras de química. Além disso, podemos ter a oportunidade de pensar, juntamente com professoras que estão em atividade docente há muito tempo, alternativas e métodos de ensino, não no sentido de mudá-los, mas no sentido de que é possível pensar em trabalhar os conteúdos de modo contextualizado ao cotidiano dos estudantes.

Também é importante ressaltar a importância do papel do PIBID em nossa formação, pois sem as experiências e os aprendizados que o programa nos proporcionou, não seria possível realizar um trabalho diferenciado com os alunos, pois o desinteresse que observamos no estágio poderia passar despercebido, como algo “normal” e não buscaríamos ver a relação da resposta dos alunos com a metodologia do ensino. E foi através de uma orientação para a realização de um trabalho diferenciado e contextualizado, feito anteriormente ao período de estágio, no âmbito do PIBID, que pudemos olhar para a sala de aula durante o estágio e pensar alternativas para o ensino.

Referências

BULGRAEN; Vanessa. **O Papel do Professor e sua Mediação nos Processos de Elaboração do Conhecimento**. Revista conteúdo Capivari. Vol. 1. n 4. pg.31-38. ago/dez 2010.

LIMA, Vasconcelos; SOUSA, Nóbrega de; SILVA, Pereira da. **Encontro Nacional de Educação, Ciência e Tecnologia**. Universidade Estadual de Paraíba (UEPB), Campina-PB, pg. 1-7, 2012.



33º EDEQ

Movimentos Curriculares
da Educação Química:
o Permanente e o Transitório



PELLIZARI, Adriana, et al. **Teoria da Aprendizagem Significativa Segundo Ausubel**. Rev. PEC. Curitiba. Vol. 2. n 1. p. 37-42. Jul. 2001-jul.2002.

VASCONCELOS; Celso. **Planejamento, Plano Ensino-aprendizagem e Projeto Educativo**. pg. 29-35. São Paulo: Libertad, 1995.